



Construção e Representação das Desigualdades de Classe Social: A Distinção no Horário Nobre ¹

Fernanda SCHERER²

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS

RESUMO

Desde a infância, na família, na escola, através da narrativa midiática e em diversas outras instituições que formam a estrutura social, os sujeitos interiorizam os valores dominantes de forma tão profunda, que é difícil colocá-los em questão. O que é histórico e social muitas vezes é percebido como natural e imutável. De forma oposta, esse artigo problematiza a legitimada ordem social meritocrática, a qual propõe que os sujeitos ocupam os espaços e posições que lhes convêm, indicando que as condições de vida são, para todos, as mesmas. Nesse sentido, sugere-se que o programa humorístico Zorra Total, ao desenvolver a comicidade através do exagero, reafirma o discurso meritocrático e da distinção. Mesmo que de forma velada, são questões muito presentes nas suas narrativas.

PALAVRAS-CHAVE: Distinção; meritocracia; classe social; estigma; comunicação.

INTRODUÇÃO

“A sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias”, aponta Goffman (1988, p. 11-12) ao argumentar que, com base em pré-conceitos e majoritariamente sem reflexão, os sujeitos formulam expectativas que categorizam o outro. No momento em que os atributos não correspondem ao esperado, o sujeito é percebido como diferente daqueles que pertencem à categoria na qual ele poderia ser incluído. Tal descrédito, que negativamente o afasta das expectativas particulares, classifica-o como estigmatizado.

¹ Trabalho apresentado no Intercom Jr – Interfaces Comunicacionais do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 30 de maio a 01 de junho de 2013.

² Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso Comunicação Social - Habilitação em Publicidade e Propaganda, da UFSM, e-mail: fernandascherer.pp@gmail.com



Quando são formuladas as classificações, essas são pensadas como se os pressupostos e as condições de vida fossem as mesmas para todos. Segundo esse ponto de vista, a condição do pobre é comumente estigmatizada porque esse sujeito supostamente ignorou as suas chances de sucesso, por preguiça ou falta de mérito. Desse modo, ignora-se o fato de que as possibilidades e as impossibilidades dos sujeitos, no mundo social, se encontram associadas às posições ocupadas na estrutura das classes sociais.

Posto isso, é possível afirmar que as escolhas, os gostos e os estilos de vida são produtos da história, reproduzidos pela educação, pela origem familiar e, contemporaneamente, pelas mídias. Entretanto, as maneiras de se portar, ser e agir na sociedade estão ancoradas tão profundamente nas formas de pensar, que são comumente percebidas como produtos da natureza do ser. A partir da abordagem bourdieusiana, acredita-se que a construção social dos sujeitos é evidente somente para aqueles que aprenderam a decifrar seu código.

Desse modo, a impressão que se tem é de que os meios pelos quais o mundo social é construído, assim como o porquê de ele ter sido arquitetado dessa forma, já não se explicam mais: simplesmente são. O resultado é que os sujeitos reproduzem um mundo de desigualdades, pensando ser essa uma estrutura imutável.

Defende-se, de acordo com essa perspectiva, que a atual composição distorcida da realidade é, de alguma forma, sutilmente propagada e mantida pelos privilegiados e reproduzida pelos excluídos. Nesse sentido, sugere-se que há produtos midiáticos que proferem discursos cujos sentidos auxiliam, mesmo que de forma velada ou direta, na incorporação dos valores dominantes.

As questões que norteiam o trabalho problematizam a ordem social que relaciona a condição de vida ao mérito e não reconhece as precondições dos sujeitos, assim como o papel das representações midiáticas das classes sociais, especialmente as transmitidas pelo programa de humor *Zorra Total*, na reafirmação de tal ordem.

Fundamentados em pré-conceitos legitimados, no programa humorístico há quadros que naturalizam a segmentação socioeconômica e cultural extremamente desigual da sociedade brasileira. Critica-se, dessa forma, a estigmatização do pobre através do “racismo de classe [que] não permite defesa, porque nunca se assume enquanto tal” (SOUZA, 2010, p. 49).



SOBRE O ESTIGMA E A MERITOCRACIA

São estigmatizados aqueles que, pelos “normais”, são considerados inabilitados para a aceitação social. De acordo com os apontamentos de Goffman (1988, p. 11), os gregos criaram o termo estigma para definir os sinais corporais que evidenciavam uma característica anormal sobre a pessoa que o apresentava. O sujeito estigmatizado poderia ser depreciado, desacreditado e evitado, especialmente em locais públicos, já que a pessoa continha algo de sórdido em seu status moral. Na contemporaneidade, o termo é utilizado de maneira semelhante.

Erwing Goffman classifica os estigmas em três tipos diferentes: as abominações do corpo, os tribais (de raça, nação, religião) e, de maior importância para o presente trabalho, as culpas de caráter individual, como a vontade fraca, estigma tão presente em solo brasileiro, onde o discurso meritocrático discrimina os pobres e acentua a imagem negativa da sua situação.

Jessé de Souza (2010) afirma que a cega visão economicista, que reduz o diagnóstico da desigualdade à sua dimensão econômica, negligenciando suas dimensões simbólicas, faz parecer que as possibilidades de vida de todas as classes sociais são as mesmas. É esquecido, ou ignorado, que as “precondições sociais, emocionais, morais e econômicas que permitem criar o indivíduo competitivo em todas as esferas da vida” (p. 24) diferem em cada estrato da sociedade. Assim, cultiva-se a culpabilização dos sujeitos pertencentes às classes populares pelo fracasso de sua condição social, o que abre espaço ao discurso defensor do “‘mérito’ individual” (ibid), que justifica a desigualdade gerada pelo capitalismo.

Nesse sentido, é possível relacionar os apontamentos de Goffman, nos quais o autor observa que na ocasião na qual “uma pessoa com um estigma particular alcança uma alta posição financeira, política ou ocupacional - dependendo a sua importância no grupo estigmatizado em questão - é possível que a ela seja confiada uma nova carreira: a de representar a sua categoria” (1988, p. 26). Assim, discursos de glorificação, proclamados quando o pobre ascende socialmente, reafirmam a meritocracia. Entretanto, tais ideias, utilizadas para pensar o mundo social, já não deveriam se sustentar mais, pois se recusam a interpretar a realidade como ela é.

De acordo com Pierre Bourdieu (1979[2008], p.162), o espaço social é uma representação abstrata, construída para proporcionar um viés sobre um conjunto de pontos, sobre os quais os sujeitos percebem o mundo social. Sob essa perspectiva, as



percepções desenvolvidas pelos sujeitos derivam da posição ocupada por eles nesse espaço.

Dito de outra forma, o princípio que organiza a percepção do mundo social é produto da divisão de classes sociais. Desse modo, sugere-se que os formadores de opinião, que supostamente poderiam criticar e modificar o mundo social, têm posições privilegiadas nesse espaço e, comumente, assim as querem manter.

A relação estabelecida entre a classe social do sujeito e os traços distintivos associados à sua posição na sociedade, se torna inteligível através da construção do habitus. Pensado primeiramente por Norbert Elias, tal conceito foi posteriormente adaptado por Pierre Bourdieu como a fórmula que permite justificar as maneiras de agir e perceber o mundo social.

Com as palavras do sociólogo francês, essa é uma “disposição geradora de práticas sensatas e de percepções capazes de fornecer sentido às práticas engendradas dessa forma” (BOURDIEU, 1979[2008], p. 163). Em outras palavras, ele modela os estilos de vida e justifica as práticas dos sujeitos e, do mesmo modo, os julgamentos sobre essas práticas, que são classificáveis em um sistema de diferenciação.

O habitus define um conjunto de disposições que, por serem apreendidas muitas vezes de forma inconsciente, são entendidas como pertencentes à personalidade dos sujeitos. Contudo, apesar de ser percebido como natural, ele é desenvolvido conforme o meio social, histórico, local e, também, de acordo com a distribuição do poder. A incorporação da estrutura do espaço social ocorre através da experiência em uma determinada posição nesse espaço, limitada pelas possibilidades e impossibilidades econômicas. Posto isso, é possível defini-lo como a internalização das exterioridades, assim como a externalização das interioridades já que, nos limites de sua estrutura, ele é inventivo.

Por organizar as práticas e as percepções das práticas, o habitus é entendido como uma estrutura estruturante, assim como uma estrutura estruturada, já que a lógica que utiliza para organizar as percepções é advinda do sistema de classes sociais. Dessa forma, diferentes condições econômicas produzem diferentes habitus, diferentes estilos de vida, diferentes relações sociais, diferentes liberdades e necessidades, diferentes aspirações, inerentes à condição de classe.

Diferentes habitus implicam a posse de diferentes capitais, que se distribuem de forma desigual entre os estratos sociais. Bourdieu distribui os capitais em econômico, cultural, social e simbólico. De acordo com os apontamentos de Beverley Skeggs (1997,



p. 131-2), capital econômico diz respeito diretamente à elementos como a renda, a riqueza e as heranças financeiras. Quanto maior o volume do capital econômico que o sujeito possui, maior é a facilidade de multiplicá-lo. O capital cultural pode existir de três formas: disposições do corpo e da mente, como o domínio de uma linguagem ou as percepções sobre gênero; estado objetivo, que corresponde à posse de bens culturais; e estado institucionalizado, resultado das qualificações educacionais. O capital social se constitui nos recursos advindos das conexões pessoais e dos grupos dos quais o sujeito faz parte, como a família e o círculo de amizades. Por fim, o capital simbólico faz com que os outros capitais sejam percebidos e reconhecidos como legítimos. É possível afirmar, como exemplo, que um profissional diplomado será detentor de reconhecimento somente se a instituição formadora for, primeiramente, legitimada pelo capital simbólico.

Posto isso, considera-se que as pessoas ocupam o espaço social de acordo com o volume de capital que possuem, cuja aquisição está diretamente relacionada à condição social dos sujeitos. Em síntese, defende-se que, enquanto as precondições advindas da classe social continuarem a ser desvalorizadas e ignoradas, haverá “distorção da realidade vivida e violência simbólica, que encobrem a dominação e opressão injusta” (SOUZA, 2010, p. 21).

O sistema meritocrático, que oculta as desigualdades e as naturaliza, conduz os estigmatizados das classes populares a facilmente

viver num mundo de heróis e vilões de sua própria espécie, sendo a sua relação com esse mundo sublinhada por pessoas próximas, normais ou não, que lhes trazem notícias do desempenho de indivíduos de sua categoria (GOFFMAN, 1988, p. 27).

Os dominados são estimulados a não perceberem que as suas atitudes e pensamentos são inerentes à sua situação, enquanto os ocupantes das posições dominantes são inclinados a sustentar estratégias para conservar sua dominação.

A partir do proposto, sugere-se que um dos instrumentos utilizados para reafirmar e naturalizar a posição dos dominantes e dominados é o texto televisual que, “apesar de sua polissemia, é a manifestação da ideologia da classe dominante (RONSINI, 2012, p. 102).

Considerado hegemônico, tal texto apresenta a interação entre as codificações dominantes e, mesmo que em menor escala, as codificações negociadas, que dão certa



visibilidade às codificações que não são dominantes. Dessa forma, as mensagens de dominação são mais facilmente decodificadas como preferenciais ou dominantes, que é a decodificação exercida da forma como o codificante deseja.

TELEVISÃO E A VIOLÊNCIA SIMBÓLICA

Imersa no cotidiano social, a televisão é um meio de comunicação que pode interferir na construção do imaginário social e gerar efeitos diversos sobre as práticas. Nesse sentido, não se pode ignorar o fato de que as decodificações realizadas pelos receptores são influenciadas pelas experiências vividas na família, na escola e na sociedade.

Entende-se que as informações televisivas possam atuar como referências para a construção das classificações de normalidade, assim como de anormalidade, as quais fixam estigmas negativos nos sujeitos considerados desviantes. De acordo com essa perspectiva, sugere-se que o discurso meritocrático, o qual justifica as desigualdades e as posições ocupadas no mundo social, culpabilizando e estigmatizando o pobre, perpassa os produtos midiáticos.

Para sustentar essa afirmação, Veneza V. Mayora R. Ronsini aponta que a mídia, ao representar posições e valores das classes sociais, os define a partir dos valores dominantes, uma vez que, ao codificar o estilo de vida popular, o faz como

espontâneo (sem formalismos); comunitário em contraposição ao competitivo mundo das classes altas; utilitário [...] em contraposição ao estético; rude em contraposição ao elaborado; “barroco” em contraposição ao sóbrio; desinteressado em contraposição ao interessado; emocional em contraposição ao racional; paroquial em contraposição ao civilizado; corporal em contraposição ao intelectual; sexual em contraposição ao mental (RONSINI, 2012, p. 108).

Assim, as representações midiáticas das classes sociais, envoltas em dualismos, reproduzem e naturalizam a segmentação socioeconômica e cultural da sociedade brasileira.

Propõem-se que artifícios encobrem e modelam percepções sobre as disposições geradas pelas estruturas de dominação, fazendo com que haja uma relação de cumplicidade entre oprimidos e dominantes. Goffman propõe que há casos em que o “estigmatizado pode, também, ver as privações que sofreu como uma bênção secreta,



especialmente devido à crença de que o sofrimento muito pode ensinar a uma pessoa sobre a vida e sobre as outras pessoas” (1988, p. 13).

Nesse sentido, Pierre Bourdieu constrói a noção de violência simbólica, definida como esquemas de percepção e avaliação que incorporam os princípios da dominação, os quais fazem com que a relação entre dominantes e dominados seja vista como natural, já que são universal e indiscutivelmente partilhadas.

Ainda que construídos sob o viés dos dominantes, tais valores são aplicados também pelos sujeitos ocupantes das posições dominadas, já que podem tê-los interiorizado “de maneira invisível e insidiosa, através da insensível familiarização com o mundo físico simbolicamente estruturado e da experiência precoce e prolongada de interações permeadas pelas estruturas de dominação” (BOURDIEU, 1998[2010], p. 50-1). Desse modo, os efeitos da dominação fogem aos controles por serem constitutivos do habitus: “a lei social [é] convertida em lei incorporada” (ibid).

A violência simbólica está inscrita nos corpos, nas coisas, na mídia. Não que os telespectadores não percebam as relações de classe e dominação presentes nas programações, mas as estruturas sociais os levam a incorporar e aceitar tais relações como advindas de um mundo rigidamente constituído e estático.

No programa humorístico *Zorra Total* que, direcionado ao público popular, há 14 anos é atração dos sábados no horário nobre da Rede Globo de Televisão, percebe-se que as codificações hegemônicas, ainda que suavizadas pela narrativa cômica, reforçam pré-conceitos relacionados ao gênero, à classe e à raça.

Os personagens que desde 1999 se sobressaem na trama são porteiros, zeladores, seguranças, cabeleireiras, motoristas de táxi e, especialmente, faxineiras e empregadas domésticas. Em 2013 as personagens que se destacam são a transexual Valéria e sua amiga Janete, ambas faxineiras, assim como Adelaide e sua filha Brit Sprite, mendigas que pedem esmola no metrô.

Em 2004 o programa teve a maior parte de seus quadros ambientados em um edifício residencial de classe média, onde os personagens principais eram empregados, enquanto em 2009 os quadros de maior relevância se passavam em uma favela. A partir de 2012, o cenário do metrô carioca é o ambiente de destaque no programa – seus principais personagens aparecem majoritariamente viajando no trem. O diretor de *Zorra Total*, Maurício Sherman, declarou, em entrevista para a edição 2194 da revista *Isto É*, que o programa visa desenvolver um humor de entendimento fácil, que possui estética e alcance popular.



Para fundamentar essa afirmação, no site da emissora a atriz Cláudia Rodrigues, que já fez parte do elenco, afirma que conversava com taxistas, faxineiras de banheiro de shopping, pessoas na fila, garçons e frequentadoras de salão de beleza para desenvolver os textos na época em que atuou no programa. A atriz criou e interpretou a personagem Mary, caracterizada como uma empregada de cabelos crespos e dentadura disforme, que adorava ver televisão.

Sugere-se que o tom cômico dos discursos proferidos no programa ameniza o senso de distinção existente em cada quadro, que reafirma o lugar do pobre no campo social, garantindo o reconhecimento e a aceitação de sua posição. Partindo-se dos apontamentos de Bourdieu (1979[2008], p. 229), se observa no programa os fatos sociais como coisas externas aos indivíduos, com uma ordem estática, a qual formula os limites entre os grupos que ocupam o espaço social.

A comicidade camufla a luta de classes e, principalmente, as hierarquias de valores subjacentes à violência simbólica expressa no quadro cômico. Em *A Distinção*, Bourdieu aponta que as disposições, ajustadas às posições definidas na estrutura das classes, estão tão ancoradas que “a busca da distinção não tem, portanto, necessidade de aparecer nem de reafirmar-se como tal” (1979[2008], p. 233).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Brasil é um país que, submerso no sistema capitalista desigual, recentemente vivenciou o relativo aumento do poder de consumo da parcela mais pobre da população. De acordo com os apontamentos de Jessé de Souza (2010), não houve mobilidade de classe, mas aumento da renda, a qual proporcionou que os estratos mais baixos começassem a adquirir bens e frequentar lugares que, por questões econômicas, anteriormente não podiam.

Fatos como esse angustiam as classes média e alta que, a todo o momento, visam o distanciamento do grupo imediatamente inferior através “das lutas pela apropriação exclusiva dos sinais distintivos que fazem a ‘distinção natural’” (BOURDIEU, 1979[2008], p. 234). Assim, aqueles que procuravam afirmar a sua distinção nas propriedades até então mais distintivas, agora ameaçadas pela vulgarização, são levados a fazer uso de outras ferramentas para afirmar a sua superioridade e, a esse respeito, a mídia pode ser um poderoso instrumento.



O programa televisivo *Zorra Total* desenvolve sua comicidade através do exagero que, de acordo com a emissora, tem caráter inofensivo já que é mero entretenimento. Entretanto, se percebe que, mesmo não sendo formalmente enunciado, o discurso da distinção é muito presente.

Nesse sentido, é possível relacionar tais apontamentos à personagem Adelaide, que atualmente compõe o programa humorístico em questão. Ao pedir esmolas no metrô, se entende que seu volume de capital econômico é ínfimo e, por ser analfabeta, do seu volume de capital cultural se pode afirmar o mesmo. A pedinte, entretanto, pôde consumir aparelhos tecnológicos como tablet e telefone celular. As fronteiras, em tal situação, são reafirmadas quando, ao utilizar os objetos, se destaca a forma como Adelaide se comunica, já que o faz de forma rude, utiliza um tom de voz extremamente alto, faz uso de palavras erradas, enfatizando o uso distinto de tais aparelhos pelas classes altas.

Outra personagem que pode ser relacionada é Lady Kate. Interpretada pela atriz Katiúscia Canoro no ano de 2009, na trama ela representava uma ex-prostituta que ascendeu casando-se com um senador e, constantemente, tentava se agregar à elite através da busca pelo reconhecimento da sua nova posição: a de nova rica. Porém, por possuir pouco volume de capital cultural, era ridicularizada, pois vestia roupas consideradas extravagantes, exaltando a voz e os movimentos, falando palavras erradas, indicando que classes e posições sociais não se diferenciam apenas em função das condições econômicas, mas pelos gostos e estilos de vida cultivados. Esse sistema de relações estruturais, que reforça as divisões entre classes, estigmatizando as populares, comumente foge à percepção dos dominados.

Enquanto o foco do telespectador é voltado às piadas e expressões humorísticas, indiretamente são reafirmados preconceitos como os de classe, assim como o poder dos dominantes e seu distanciamento das classes consideradas inferiores. Ao invés de crítica à dominação, as piadas proferidas há 14 anos comumente sustentam, ou estão a serviço, dos problemas.

O tom cômico camufla as humilhações e ridicularizações dirigidas à classe popular, indicando o negligenciamento social e político, consentido por toda a sociedade. Dessa forma, o humor é utilizado como um artifício que visa mascarar as disposições geradas pelas estruturas de dominação. A partir dele, são cultivadas ideias para que o dominado pense serem essas situações naturais, inevitáveis. Veladamente a



mídia é um campo de luta simbólica, em que vence a legitimação do estilo de vida dominante.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **A Distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro 9º ed. Bertrand Brasil. 2010.

GOFFMAN, Erwing. **Estigma – notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1988.

LOYOLA, Maria Andréa. **Pierre Bourdieu entrevistado por Maria Andréa Loyola**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002.

GOMES, Luciani. **Zorra no Metrô**. Revista Isto É. Edição: 2194. Novembro, 2011. Disponível em: <http://www.istoe.com.br/reportagens/179367_ZORRA+NO+METRO>. Acesso em: 11 de fevereiro de 2013.

MEMORIA GLOBO. **Globo.com**. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,GYN0-5273-257969,00.html>>. Acesso em: 11 de fevereiro de 2013.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. **Uma introdução à Pierre Bourdieu**. Revista Cult. Edição: 128. Março, 2010. Disponível em: <<http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/uma-introducao-a-pierre-bourdieu/>>. Acesso em: 5 de fevereiro de 2013.

RONSINI, Veneza V. Mayora. **A crença no mérito e a desigualdade: a recepção da telenovela no horário nobre**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

SKEGGS, Beverley. Classifying Practices: Representations, Capitals and Recognitions. In: MAHONY, P.; ZMROCZEK, C. **Class Matters: Working Class women's perspective on social class**. Londres, Taylor & Francis Ltd, 1997. Cap. 12, p. 134-142.

SOUZA, Jessé de. **Os batalhadores brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora?**. Belo Horizonte: UFMG, 2010.